

A CAVERNA, NO MARÃO: LENDO O MITO DE PLATÃO EM TEIXEIRA DE PASCOAES

THE CAVE, IN MARÃO: READING PLATO'S ALLEGORY IN THE POETRY OF TEIXEIRA DE PASCOAES

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v16i31p135-146>

Mariana Pereira Guida¹

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura do mito da caverna presente no livro X da *República* em um poema de Teixeira de Pascoaes, tomando como premissa a elaboração de um sintoma de crise vinculado à percepção do tempo moderna para discutir questões acerca do conhecimento neste mito. Perscruta-se como essa leitura se relacionaria à dinâmica de visibilidade e invisibilidade na poética de Pascoaes e como tal dinâmica pode ser pensada sob o ponto de vista da poesia e sua relação com o conhecimento em nossos dias.

PALAVRAS-CHAVE

Teixeira de Pascoaes; Platão; Mito; Poesia.

ABSTRACT

This article reads the Republic's allegory of the cave in a poem of Teixeira de Pascoaes, taking as proposition the formation of a symptom as a crisis associated with the modern notion of time to discuss issues about knowledge in this allegory. It is investigated how this reading would relate to the dynamics of visibility and invisibility in the poetics of Pascoaes' and how this dynamic can be thought from the point of view of poetry and its relationship with knowledge today.

KEYWORDS

Teixeira de Pascoaes; Platão; Myth; Poetry.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

1 O MITO E OS SENTIDOS DAS SOMBRAS

Quando se suscita o nome do poeta Teixeira de Pascoaes, não-raro ele é acompanhado de múltiplas designações – neopagão, neorromântico, neognóstico, neoplatônico – que muitas vezes mais dificultam do que auxiliam a leitura e a compreensão de sua obra. Ainda assim, a despeito das divergências, é possível notar que todas partem de uma poesia em cujas ideias de regresso e retorno são candentes para nela identificar uma articulação própria de tempo que em grande medida diz muito sobre o nosso olhar para a poesia pascoaseana.

Neste artigo, procuraremos propor uma leitura do poeta de São João de Gatão como um escritor em que a percepção do tempo presente enquanto crise manifesta-se como um sintoma de uma visão que se consolidará anos depois, tendo no modernismo de *Orpheu* o seu ápice. A partir de então, a escrita e o olhar poéticos não necessariamente se opõem à racionalidade científica, mas a suplementam, a ela adicionando outras perspectivas e novos significados. Para isso, apresentaremos uma proposta de leitura do mito em um poema de *Sempre*, em seguida perscrutaremos como essa leitura se relacionaria à dinâmica de visibilidade e invisibilidade na poética pascoaseana e, por fim, teceremos algumas considerações sobre como essa dinâmica pode ser pensada sob o ponto de vista da poesia e sua relação com o conhecimento em nossos dias.

Pensada sob a dimensão da linguagem, a defesa da legitimidade da modernidade feita por Hans Blumenberg (1983) reposiciona a ideia da invenção como a suplantação da ausência de sentido, não mais por um sentido pleno e alheio ao regime de produção de sentidos, mas sim pela multiplicidade de sentidos produzidos no interior mesmo desse regime. A natureza percebida como “princípio produtor (*natura naturans*)” e não como “forma produzida (*natura naturata*)” (Blumenberg, 2010, p.88) engendra uma outra percepção da criação, tão cara aos preceitos de inovação da modernidade. Aquilo que tomamos por criação desloca-se, assim, da pergunta pelo *ser* para a pergunta sobre os *limites do humano*. Nesse sentido, cabe observar, ainda com Blumenberg, como essa proposta de reposicionamento da ontologia no âmbito da antropologia aproxima a racionalidade e o desejo justamente a partir de Platão, suposto “culpado” pela primeira cisão entre ambos:

Assim, a questão antropológica sobre a razão de ser nada mais é do que uma especificação da ontológica. Platão já mostrava que aqui a racionalidade só seria possível se a vida já fosse sempre o resultado de uma ação anterior: o resultado do grau de compreensão intelectual, como em Fedro, ou o resultado de uma eleição, como no mito de Er da República (Blumenberg, 2011, p. 479).¹

María Zambrano também discorre a respeito da relação entre poesia e filosofia nos diálogos platônicos, atentando para a vinculação da idealidade da alma à mundaneidade demoníaca das paixões no mito da caverna, do livro X da *República*:

Nesta pintura que Platão nos oferece já no final da República, a alma aparece acorrentada por algo que não se limita a prendê-la. Acorrentada por correntes estranhas e, mesmo que Platão não diga nessa passagem, também repleto de sedução. Há algo na alma que simpatiza com esse meio que lhe é estranho (Zambrano, 2021, p. 50).

A “imagem da vida como naufrágio, como queda” pela qual, segundo Zambrano, Platão fundamenta os Mistérios do orfismo (Zambrano, 2021, p. 51), orienta nossa leitura de uma escrita que articula (in)visibilidade e (i)racionalidade na poesia de Pascoaes. Começemos, pois, com o poema “I” da terceira edição de *Sempre*, reproduzido a seguir:

Numa caverna escura,
Aberta em rocha dura,
Ganham formas fantásticas as cousas...
E, em vagas atitudes misteriosas,
Dançam ignotas sombras, nas paredes.
Também no meu espírito profundo,
Íntima gruta múrmura de sedes,
Tudo quanto ele criara e tudo quanto
Descobre o nosso olhar,
A estrela de alva, a pedra do meu lar,
A Saudade que é mãe de nosso canto
E a eterna luz do mundo,
– Toma formas estranhas, sem sentido,

¹ Tradução nossa do espanhol: “Entonces la pregunta antropológica por la razón de ser no es más que una especificación de la ontológica. Ya Platón demostró que aquí sólo sería posible la racionalidad si la vida siempre fuera ya resultado de una acción anterior: el resultado del grado de comprensión intelectual, como en Fedro, o el resultado de una elección, como en el mito de Er de la República”.

direção ao silêncio. Na caverna pascoaseana, o elo desconhecido entre a luz ofuscante da alma e a atração demoníaca das sombras desagua na incerteza do sonho, onde a razão do “Verbo” não chega:

Ali sonhei, à luz do entardecer.
Estes versos de mágoa e amor primeiro.
Para as almas de Deus que não souberem ler... (Pascoaes, 1972, p.123).

Desse modo, a relação com o visível inteligível na poesia de Pascoaes poderia corresponder à relação entre razão e sensação do mito da caverna, no sentido de que a fissura que separa o poeta e o filósofo é a mesma da dor do parto, fonte materna e incessante da origem. O tema órfico da origem como queda, “da vida como naufrágio” que Zambrano identifica em Platão, encontra inúmeras ressonâncias na obra Pascoaes, como no trecho de *O Bailado* (1921): “Afinal o que é a Poesia? O desejo que certos homens têm de não morrer. Poesia, Arte, Filosofia, Ciência – mãos de naufragos agarradas a uma tábua” (Pascoaes, 1987, p. 27).

A postulação pode ser pensada em diálogo íntimo com a relação entre a necessidade e a liberdade que compõem a visão moderna de criação, tal como a lemos na teoria blumenbergiana. A morte e o silêncio instalam-se, então, no centro de tudo que nasce, como lemos na sequência do trecho citado acima: “Ressurgir da carne! Voltar a ser! Eis aí o impossível e a própria substância da criatura. [...] Os mundos, que são existências, giram no espaço vazio, essa não-existência ilimitada. Assim, o homem vive através de um sonho, esse outro espaço vazio” (Pascoaes, 1987, p. 28).

A ideia de que o imaginário participa efetivamente das nossas construções simbólicas, posteriormente esmiuçada pela psicanálise, ressoa fortemente na obra de Pascoaes, mas não exatamente como nós a concebemos hoje. O poeta parece mostrar que há algo de absolutamente contingente e, ao mesmo tempo, absolutamente atemporal na palavra, o que na fatura poética é conquistado pela densidade espacial de suas imagens. Ou seja, mais do que o tempo, é o espaço, é a geografia que o poeta capta na sua escrita e que nessa *hora efêmera*, se compõe de maneira fragmentária sob relances e impressões, como aponta outro fragmento de *O Bailado*: “O valor de todas as cousas é a sombra que elas projetam, a *hora efêmera* que elas tiram à massa confusa do Tempo – a *hora* que se destaca, e tem relevo, e persiste, e reage à maré do tempo” (Pascoaes, 1987, p. 41).

Note-se que a ideia de valor como aquilo que se extrai do contato com as coisas pode ser aplicada não apenas à poesia, mas a toda produção humana feita a partir desse contato. A palavra filosófica, como lembrou Zambrano, também está implicada nesse jogo de luz e sombras. Nessa perspectiva, portanto, a iluminação da palavra enquanto “figuração humana” é sempre contingencial, não pode evitar as trevas que lhe permeiam e, se é a um universo sombrio que nos remete uma primeira leitura de Pascoaes, é possível aventar que isso se deva à mitologia própria de uma obra que está também eivada de luzes, que faz remissão constante a um “ideal” e, ao mesmo tempo, não abandona “seu desejo prático de purificar-se do corpo, platonicamente, do corpo” (Unamuno, 1911, p.30), como propõe o filósofo Miguel de Unamuno, na crítica feita à primeira edição de *As Sombras* (1907).

2 O MITO E A MITOLOGIA PASCOAESEANA

No referido texto, Unamuno (1911, p. 30) distingue o “idealismo manso” de Pascoaes do idealismo “da terrível sentença pindárica de que o homem é apenas sonho de uma sombra”², depreendendo desse conflito, o conflito das contradições internas da Península Ibérica (tema importante à própria filosofia unamuniana). Na imbricação da geografia e da linguagem, o idioma seria a razão pela qual o poeta português (que viria a se dirigir a seu crítico como “Querido e Venerado Mestre”, em carta de 1920) ainda não teria “imitadores” tal como os “artífices literários” dos bulevares franceses: “trata-se de um obscuro poeta português que vive a sua vida e as suas canções nas margens do humilde Tâmega, no doce retiro de Amarante”³ (Unamuno, 1911, p. 36). O retiro em Amarante é também a matéria constantemente reelaborada na obra de Pascoaes por uma espécie de ascetismo poético no qual sonho e realidade são tão distintos quanto indiscerníveis, como aponta Eduardo Lourenço (1991, p. 103):

² Tradução nossa do espanhol: “Y este idealismo no es el idealismo terrible de la terrible sentencia pindárica de que el hombre es sólo sueño de una sombra, es un idealismo manso. Su anhelo práctico purificarse del cuerpo, platónicamente, del cuerpo, al que decía el poeta”.

³ Tradução nossa do espanhol: “Hubiérase este libro publicado en francés por cualquier artífice literario—aunque uno de éstos no podría haberlo hecho—del bulevar con amigos en el cotarro del Mercure que se los hubiesen jaleado, y á estas horzis empezaría á tener imitadores por esclS tierras. Pero se trata de un oscuro poeta portugués que vive su vida y sus cantos á orillas del humilde Tâmega, en el dulce retiro de Amarante”.

É impossível decidir, no caso de Pascoaes, cuja visão deve muito mais do que se supõe às grandes intuições épico-metafísicas do século XIX (em particular à de Victor Hugo) se nela a mitificação da realidade-pátria é um caso particular da sua visão cósmica e metafísica do Real, ou a transfiguração simbólica da bem concreta vivência de uma paisagem, de uma história, de um povo singulares que nós chamamos Portugal e que para ele podia ser lido e compreendido da janela e das vozes apenas abertas sobre o Marão...

Lourenço enseja-nos uma premissa importante sobre as relações entre palavra e referencialidade na construção da mitologia pascoaesiana e sobre como tais relações engendram, no espaço elocutório do poema, o jogo entre luz e sombras que confunde o olhar entre o concreto e o abstrato. Vale notar, a partir da questão levantada por Lourenço, como a própria saudade pascoaesiana pode ser observada para além da sua “débil construção derivativa apelidada ‘Filosofia Portuguesa’” como coloca António Feijó (2015, s.p).

Essa espécie de cacoete associado ao poeta do Marão limita a saudade ao louvor de um passado idílico sob um olhar supostamente enaltecedor do passado e empobrecedor do presente, mas a saudade não deveria significar a “mitificação” sugerida por Lourenço, ou, pelo menos, não deveria ser lida apenas desse modo. Alfredo Margarido Pascoaes, na introdução de *O Bailado*, pontua que a “saudade”, enquanto imagem do “campo ruralizante” é sobretudo uma imagem de *crise*. No centro dessa colocação está o fato de que o jovem Teixeira de Pascoaes (1987, p. XI) escreve sob o impacto do *Ultimatum* inglês de 1890, de modo que:

Politicamente, Teixeira de Pascoes pertence à geração que descobriu a fragilidade das instituições nacionais durante a crise desencadeada pelo *Ultimatum* inglês de 1890. [...]Não parece duvidoso que a “crise reveladora” tenha forçado Teixeira de Pascoaes a elaborar uma reflexão “saudosista” que, vinda do fundo da história e das manifestações mais trágicas da casa real portuguesa, já condenada ao “sacrifício” quando não ao açougue político de Fevereiro de 1908, forneceria o alicerce essencial para reforçar as condições de uma “ressurreição” nacional.

Leiamos, assim, a saudade também como uma sombra, isto é, uma imagem, uma visão do presente que se dá ao alcance do olhar, tal qual as sombras dos prisioneiros da caverna, o que nos leva a pensar em que

XVII O homem quando fala resplandece e vive, mas o homem silencioso transforma-se em ausência, causa medo, como se fora um espectro.

XVIII O silêncio é o verbo demoníaco (Horácio, 1981, p. 59).

Os três últimos excertos de “Um pensamento latino” reproduzidos acima trazem-nos uma visão da relação entre homem, mundo e palavra que, como procuramos apontar, é indissociável de uma dimensão de instabilidade dos sentidos que passa pela falência da unidade referencial. O poeta ilumina a matéria cantada ao insuflá-la, entusiasma-la (XVI), entretanto, o momento da nomeação é efêmero e contingente, assombrado pelo silêncio ao seu redor (XVII) sendo justamente a necessidade de acesso ao silêncio que se impõe ao canto o que o conduz à ruptura transgressora dos nomes (XVII).

Nota-se, ainda, que o campo semântico dos significantes que compõem as faces opostas da nomeação em XVI e XVIII aludem também às dimensões material e imaterial do som e do sentido nessa metáfora (em XVI, som e palavra; em XVII: silêncio e verbo), o que nos permite propor que a revisitação do mito da caverna confirma em grande medida a premissa blumenbergiana de que a divinização da técnica em face da secularização da sociedade, assim como a implosão da linguagem a partir do paradigma da inovação, são reformulações possíveis da visão de criação, que passa de um conjunto finito a um conjunto infinito de possibilidades. O auge desse processo se dará, como sabemos, no projeto da heteronímia enquanto um multiplicador de poéticas possíveis.

3 O MITO AQUI, A POESIA AGORA

Para além disso, a cena do ato de nomeação que nos é apresentada em “Um pensamento latino” também nos diz muito sobre os mitos enquanto formas discursivas potencialmente poderosas e perenes de significados. Assim como uma palavra que tem por horizonte último o silêncio, o mito é, segundo Hans Blumenberg, uma construção germinal com alcance total, o não-dito cobre tudo o que é possível de se dizer⁴. A

⁴ “Sin embargo, el mito fundamental ha de ser valorado por el alcance de su aportación: al ser germinal, se hace capaz de ser de una forma total. Pero esto sólo significa que trae consigo la sugestión de que, a través de él y dentro de él, no queda nada sin decir. Lo no dicho es una categoría distinta de la categoría de lo no preguntado. Qué significa aquí totalidad sólo lo

ciência começa, então, com a delimitação, a circunscrição do objeto a um discurso sobre ele. O que o excerto de Pascoaes faz, de maneira curiosa, é emular o caráter científico do discurso filosófico com a estrutura predicativa da máxima ou do aforisma – “X é Y”; “Y é Z” – atribuindo à palavra e ao silêncio predicados que, ao invés de definir, acabam por expandir o campo de significados a que podemos associá-las.

Esse ponto leva-nos a retornar à questão da língua. Na já mencionada crítica de *As Sombras*, há um ponto curioso, em que Unamuno, ao tratar da “pouca erudição” dos poetas portugueses sugere que a filosofia portuguesa seja buscada nos poetas, pois na medida em que todo poema “cristalizava” “música” e “filosofia”, poetas como Pascoaes (e Guerra Junqueiro, também citado no trecho e tema de outro texto crítico) forjariam uma “filosofia poética” na língua de um povo que, em termos da filosofia propriamente dita, era “ainda mais infilosófico que o espanhol, e cuidado que este não é muito”⁵ (Unamuno, 1911, p. 28).

Reproduzimos essa passagem porque nos parece que nela há um princípio desenvolvido por Pascoaes não de maneira explícita, como seus ensaios e o tratamento teórico acerca do saudosismo podem dar a entender, mas de uma maneira transversal, sob a forma de um sintoma no qual o termo saudade manifesta-se como um paradoxo. Esse paradoxo une e ao mesmo tempo separa filosofia e poesia, pois na medida em que a primeira consiste em um discurso de elucidação e esclarecimento a segunda consiste em um discurso críptico, contrário ao primeiro. Isto é, tratam-se de lógicas discursivas opostas, mas não completamente alheias entre si: mãos de naufragos agarradas a uma tábua. Pensamos que é a algo da mesma ordem de que trata Paul Valéry na conferência “Poesia e pensamento abstrato”, ao diferenciar a “linguagem útil [...]cujo único destino é ser compreendida” e a linguagem da poesia, que “tende a se reproduzir em sua forma, [ela] nos excita a reconstruí-la identicamente” (Valéry, 1991, p. 212-213).

empezamos a saber, propiamente, desde que se renunció y tuvo que renunciarse a ella para conseguir un conocimiento científico” (Blumenberg, 2003, p. 192).

⁵ “Todo poeta, decía Coleridge, es músico y es filósofo, y hace pocos días me decía Junqueiro que la poesía es cristal musical. El cristal, la cristalización de sensaciones, ideas y sentimientos bellos, es la filosofía poética. Y toda la filosofía portuguesa hay que ir a buscarla en sus poetas ; porque en cuanto á la otra, á la que más específicamente llamamos filosofía, el pueblo portugués es aún más infilosófico que el español, y cuidado que éste lo es mucho”.

O que o mito da caverna revisitado no poema de *Sempre* nos indica, portanto, é que há qualquer coisa de verdadeiro nas sombras que se interpõem à luz do conhecimento. Toda palavra é um “retrato feito a sons” que nos olha, nos interpela em seu sentido. É nítida, com efeito, mas se por ventura detemo-nos sobre ela (se não passamos por ela com a rapidez de quem passa por uma “prancha leve sobre uma vala”, para dizer com Valéry), somos obrigados a lidar com o empuxo do silêncio, a força que ressoa sob a forma subvertendo-a, engendrando na sua evidência o desconhecido, o “verbo demoníaco”.

REFERÊNCIAS

- BLUMENBERG, Hans. *The legitimacy of the modern age*. (Studies in contemporary German social thought). Trad.: Robert M. Wallace. Massachusetts: MIT Press, 1983.
- BLUMENBERG, Hans. *Trabajo sobre el mito*. Traducción de Pedro Madrigal. Barcelona: Paidós, 2003.
- BLUMENBERG, Hans. Imitação da natureza. Contribuição à pré-história da ideia do homem criador. In: LIMA, Luiz Costa Lima (org.). *Mímesis e a reflexão contemporânea*. Tradução: Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 87-135.
- BLUMENBERG, Hans. *Descripción del ser humano*. Edición literaria a cargo de Manfred Sommer. – la ed. - Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.
- FEIJÓ, António M. *Uma Admiração Pastoril pelo Diabo (Pessoa e Pascoaes)*. (Versão eBook). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2015.
- FERRAZ, Roberta Almeida Prado de Figueiredo. *Teixeira de Pascoaes revisitado: um ensaio sobre literatura e ausência*. 2016. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- HORÁCIO. *A poética clássica*. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.
- LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, Lisboa, 1991.
- PASCOAES, Teixeira de. *Obras Completas*. Introdução e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Livraria Bertrand, v. I., 1972.
- PASCOAES, Teixeira de. *O Bailado*. Introdução de Alfredo Margarido. Lisboa: Assirio, v. 8, 1987.

PASCOAES, Teixeira de. *Senhora da Noite e Verbo Escuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

UNAMUNO, Miguel de. Las Sombras de Teixeira de Pascoaes. In: *Por tierras de Portugal y de España*. Madrid: Biblioteca Renacimiento, 1911, p. 25-36.

VALÉRY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In: *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 201-217.

ZAMBRANO, María. *Filosofia e poesia*. Traduzido por Fernando Miranda. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

Recebido em 22 de fevereiro de 2023

Aprovado em 27 de agosto de 2023

Licença: 

Mariana Pereira Guida

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, com bolsa CAPES. Licenciada em Letras - Português pela Universidade Federal de Alfenas e Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Contato: marianapereiraguida@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-1482-4719>